

A OURIVESARIA PRÉ-HISTÓRICA
DO OCIDENTE PENINSULAR ATLÂNTICO
COMPREENDER PARA PRESERVAR



TRADIÇÕES E INOVAÇÃO NA OURIVESARIA ARCAICA DA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR

Ao longo do II^o milénio a.C. as sociedades do ocidente peninsular assistiram a um importante desenvolvimento na metalurgia do ouro.

As peças de ourivesaria vão evoluindo segundo correntes técnico-artísticas diversas, mas subjaz a essa evolução uma corrente dominante de crescimento dos volumes de metal incluídos em cada uma. Isto é visível, designadamente, na ocorrência de ocultações de jóias simples, formadas por espirais de arame de ouro, que frequentemente se encontram entrelaçadas umas nas outras, denunciando a sua característica de verdadeiros entesouramentos, feitos de forma continuada, e não de simples conjuntos de jóias imediatamente funcionais.

Esta progressiva acumulação de metal conduz a peças de grande dimensão, ultrapassando, por vezes um peso unitário de mais de 1 kg, que ocasionalmente se reúnem em tesouros complexos.

No último quarto do II^o milénio estas peças pertencem a duas tradições bem distintas do ponto de vista técnico e estético:

- temos, em primeiro lugar, a tradição atlântica, de peças obtidas por forjamento a partir de lingotes oblongos, posteriormente decorados por incisão de motivos geométricos, que se designa por Sagrajas/Berzocaña, que é a mais numerosa em termos de achados;
- segundo, a tradição designada de Villena/Estremoz, de peças caneladas, obtidas por fundição pelo método da cera perdida, característica pelas fiadas de espigões pontiagudos, que parece ser um endemismo peninsular.

Um dos problemas subjacentes ao estudo destas peças, em geral, é o da compreensão do abastecimento dos metais, do equilíbrio obtido em momentos e locais concretos, entre a obtenção de metal, através de mineração e a refundição de objectos pré-existent. Há, em suma, uma “cadeia trófica”, da qual conhecemos o extremo superior dos objectos de maior dimensão (naturalmente, também conhecemos, por ocasionais ocultações não recuperadas e algumas deposições funerárias, alguns exemplos de níveis inferiores da “cadeia”), que importaria entender.

Haverá um contributo da indagação físico-química para este entendimento, mas tal requisita uma profunda colaboração transdisciplinar, entre os especialistas que se ocupam dessa investigação, os que estudam as peças do ponto de vista mais tradicional e os que, no campo, investigam a ocupação do espaço e a exploração dos recursos naturais. Este cruzamento de dados está por fazer.

O problema é especialmente importante pois, nesse último quarto do milénio, os fenómenos de acumulação e intercâmbio do metal precioso devem ter conduzido ao facto de se reunirem peças de ambas as tradições e, conseqüentemente, uma, ou várias, oficinas ou conjuntos de artesãos, passam a deter o conhecimento técnico

necessário para trabalhar simultaneamente com ambas as técnicas e dominar ambas as linguagens. Este cruzamento de peças e artesãos é essencial para se compreender a súbita evolução que se assiste na ourivesaria a partir da viragem do II^o para o I^o milénio.

A partir desse momento conhecemos peças que podem ser a combinação física de restos de objectos de uma e outra tradições, como acontece com o fecho do colar de Sintra, que pode ser um fragmento de um bracelete de estilo Villena/Estremoz, como já foi proposto. Há outras peças que utilizaram as diferentes técnicas em distintos elementos de objectos pré-determinados, o que só pode ter acontecido de uma forma deliberada, como acontece no bracelete de Cantonha. Para além disto, podem multiplicar-se os exemplos de hibridismos de uma tradição com a outra, num fenómeno que, considerada a distribuição geográfica das peças conhecidas, é certamente próprio da fachada ocidental da península.

Contemporaneamente, começam a ser recebidos na Península Ibérica os primeiros objectos de ourivesaria intercambiados com o Mediterrâneo Oriental, ainda no domínio das relações pré-coloniais, como é o caso do peitoral de provável produção cipriota de Castro Marim. Sabemos também que o intercâmbio, nesta época, não abrange apenas a ourivesaria: outros objectos, designadamente os bronzes, fazem parte dos mecanismos de contacto e, de facto, a ourivesaria e a torêutica influenciam-se mutuamente.

Esta nova ourivesaria parece ter estimulado nos artífices do ocidente peninsular a capacidade inventiva que, por preferência ou necessidade, vai interromper o fenómeno milenar da acumulação de metal precioso em pesados objectos individuais e, através da produção de peças ocas ou laminadas vai, mantendo em muitos casos as estéticas tradicionais, reduzir drasticamente as quantidades de metal manipulado. O principal conjunto demonstrativo deste momento é o tesouro de Moura.

Certamente que, a partir deste momento, se multiplicaram as ocorrências de substituição de peças de grande peso, transformadas em peças de novo estilo. Todavia, as condições próprias do registo arqueológico associado à ourivesaria arcaica em geral, não permite uma indagação aprofundada, dos mecanismos de ocultação dos tesouros da Idade do Bronze, e tão pouco os padrões de povoamento são suficientemente bem conhecidos para se compreender quais as suas evoluções que justificam o que parece ser um “pico estatístico” de ocultações não recuperadas de peças de ourivesaria do Bronze Final e da I^a Idade do Ferro.

O processo desenrola-se e complexifica-se, já em pleno período orientalizante, no primeiro quarto do I^o milénio a.C., quando a importação de jóias filigranadas fenícias, de que umas das mais antigas conhecidas são talvez as de Odemira, coexiste com a rápida adopção dessas técnicas e a sua aplicação em objectos que, na sua base tipológica, são ainda típicos do Bronze Final, como é o caso dos braceletes de Torre Vã.

O relativamente curto lapso de tempo que se estende do séc. XI ao séc. VIII a.C. é, portanto, um período de rapidíssima e muito fértil inovação técnica, de

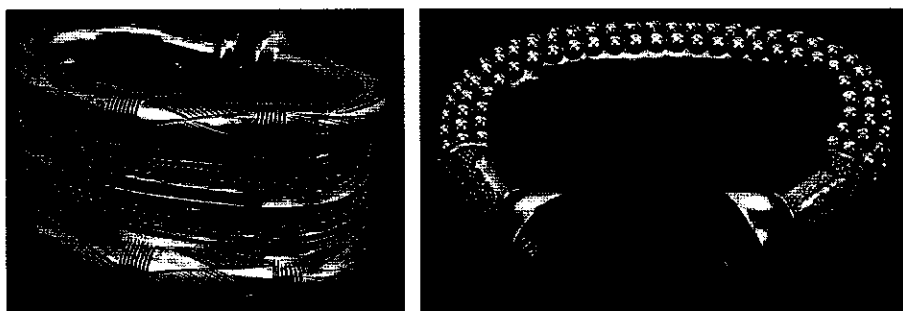


Figura 1
Bracelete do Bronze Final, de técnica mista, de Cantonha (Costa, Guimarães), (Au 193), Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia: J. Pessoa DGPC/ADF

Figura 2
Bracelete do Bronze Final/ inícios da Idade do Ferro, de técnica mista, de Torre Vã (Grândola) (Au 154), Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia: J. Pessoa DGPC/ADF

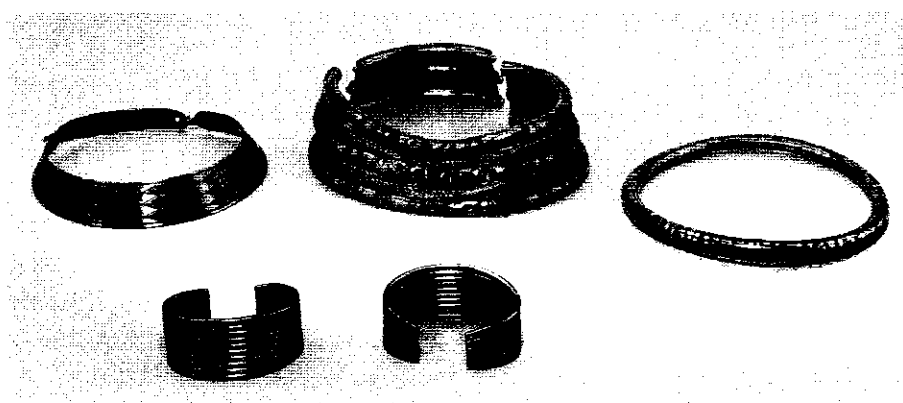


Figura 3
Conjunto do Bronze Final, chamado "Tesouro de Moura", composto por um par de braceletes e três colares de diferentes técnicas (Herdade do Alemor, Sobral da Adiça, Moura) (Au 168 e Au 192), Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia: J. Pessoa DGPC/ADF

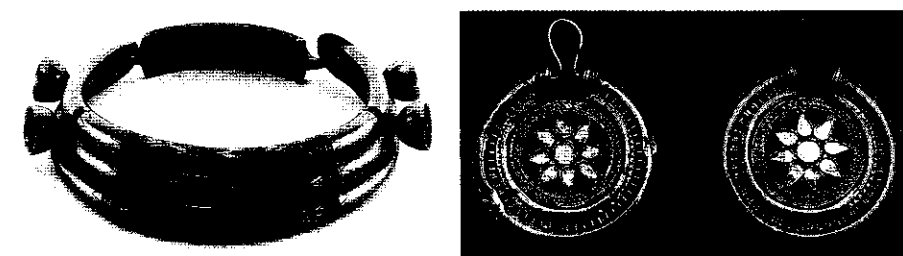


Figura 4
Colar triplo, do Bronze Final, de Santo Amaro (Sintra). Réplica conservada no Museu Nacional de Arqueologia (Au 563), do original pertencente ao British Museum. Fotografia: L. Oliveira DGPC/ADF



Figura 5
Par de arrecadas de tipo orientalizante (séc. VIII a.C.), de Odemira (Beja) (Au 978 e Au 979), Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia: J. Pessoa DGPC/ADF

Figura
Peitoral laminar, provável importação cipriota (séc. XI-X a.C.), de Castro Marim (Algarve), Museu Nacional de Arqueologia. Fotografia: MT.

modificação da expressão artística e, em suma, de alteração do papel que a jóia desempenha na expressão do papel social do seu possuidor.

A coexistência de produção de peças de estilo tradicional, de importações e de produção local de imitações dessas importações é um dos problemas-chave do interface entre a investigação arqueológica, em senso lato, e a investigação da ourivesaria arcaica, nos seus aspectos estético-artísticos e técnicos. Por outro lado, está por investigar quais as implicações físicas que o hibridismo das técnicas trazem no domínio da conservação das peças, objectivo principal do Encontro e do Projecto em que ele se integra.